

## **Entre a política de vida e a política de morte: discursos sobre milícia e neoliberalismo<sup>1</sup>**

Pâmela Nocelli da Costa<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

### **Resumo**

A partir da análise de vinte matérias do jornal *O Globo* sobre o desabamento na Muzema (RJ), esta pesquisa investiga como o discurso jornalístico forja sujeitos atravessados por lógicas neoliberais até no que concerne à violência. Moradores são apresentados como consumidores voluntários de serviços ilegais, apagando a vulnerabilidade estrutural a que estão submetidos. Já a milícia é figurada como empreendimento, e não como organização violenta. Nesse tensionamento, a mídia constrói corpos ora úteis à engrenagem econômica (biopolítica), ora descartáveis diante do risco de morte (necropolítica). O trabalho, ancorado na Análise do Discurso francesa, revela como a mídia hegemônica atua na gestão simbólica da vida nas periferias.

**Palavra-chave:** discurso; milícia; sujeito; neoliberalismo; biopolítica.

O avanço de uma racionalidade econômica centrada no lucro e na instrumentalização das relações sociais não ocorre isoladamente no contexto neoliberal, conforme observa Dardot e Laval (2006). As formas de violência não estão dissociadas das lógicas econômico-políticas e acompanha, dentre outros fenômenos, a expansão do poder armado das milícias, que ampliam sua atuação para além da punitividade, indo para uma gestão dos corpos ditada pela coerção e participação em mercados ilegais, cada vez mais lucrativos. A mídia, em seu papel de construtor de realidade também tem um discurso que reflete essas transformações sociais.

O presente trabalho, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, vinculado à Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (Costa, P. N. 2023), apresenta resultados parciais da investigação de como ocorre a mercantilização do sujeito nos discursos sobre milícia e a alternância entre sujeito utilitário (biopoder) de Foucault e descartável (necropolítico) de Mbembe (2018). O estudo tem como objeto a análise de vinte matérias publicadas pelo jornal *O Globo*, no período de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pamela.costa@estudante.ufjf.br

um mês após o desabamento de construções irregulares na favela da Muzema, entre 13 de abril e 16 de maio de 2019. Para dar conta das complexidades do discurso jornalístico, adotou-se como suporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (1999).

Ao longo das matérias analisadas, foi recorrente a apresentação dos sujeitos como clientes e usuários dos serviços oferecidos pelos milicianos. Essa construção discursiva criava tramas em que as vítimas eram, de certo modo, responsabilizadas por integrarem o mercado controlado pela milícia, como se fossem consumidores voluntários. Com isso, os moradores também se tornariam, em parte, culpado pela tragédia. Ocorre, nesse movimento, um apagamento das condições de vulnerabilidade e da ausência de políticas públicas que colocam esses sujeitos à mercê das coerções milicianas. Paralelamente, as práticas dos milicianos eram frequentemente representadas como formas de negócio e empreendimento. O papel dúbio ocupado pela milícia, entre a ilegalidade e sua origem institucional na polícia (Costa, 2011), ganha novos contornos, à medida que a expansão de seus “serviços”, forma como os crimes são apresentados, reconfigura a imagem da milícia: de grupo armado e violento à gestora-paralela.

Ao erguer construções irregulares ou instalar embarcações em áreas de risco, a milícia assume, de forma consciente, o risco de morte desses indivíduos, os transformando em peças descartáveis em uma engrenagem de gestão da morte. As matérias, por sua vez, também revelam deslocamento para outra gestão do corpo, em que os sujeitos são geridos pelo papel de comerciante e clientes, que exercem na comunidade. O papel utilitário aqui, biopolítico, mostra uma representação em que os moradores são necessários para a obtenção de lucro. Ainda que mantenha seu poder com base na coerção e na violência, a milícia depende economicamente dos moradores dos territórios que controla, o que revela uma ambivalência entre a política de morte e a instrumentalização da vida.

## Referências

COSTA, Grciely Cristina. **Discursos sobre a milícia: nomes, vozes e imagens em movimento na produção de sentidos.** Campinas, SP: [s.n.], 2011.

COSTA, Pâmela Nocelli. **A mercantilização do sujeito nos discursos sobre milícia: análise da cobertura acerca do desabamento de construções irregulares na favela da Muzema em O Globo.** 2023.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

LIMA, Fátima. **Bio-necropolítica:** diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.spe.):20-33. 2018.